

## Competência em Informação: cenários e espectros

Regina Celia Baptista Belluzzo<sup>1</sup>

### Resumo

Apresentam-se reflexão e análise sobre o entorno da Competência em Informação, desde suas origens até a inserção na sociedade contemporânea, sob o enfoque de um novo paradigma – tecnoeconômico –, destacando-se a proliferação de fontes e recursos informacionais e a necessidade de democratização do saber mediante o desenvolvimento de novas competências e formas de gestão criativas. São abordados os principais modelos teóricos, padrões e diretrizes e sua articulação com as melhores práticas em diferentes ambiências sociais. Finaliza-se com as características indispensáveis aos programas de desenvolvimento da Competência em Informação, descrevendo-se tendências futuras dessa área de interesse, considerando-a como fator crítico de sucesso para o desenvolvimento social e a inovação.

**Palavras-chave:** Competência em Informação. Informação. Conhecimento.

### Abstract

Reflection and analysis on the information literacy environment, from its origins up to the insertion in the contemporary society, under the focus of a new paradigm - techno-economic, highlighting the proliferation of information sources and resources and the necessity of democratization of knowledge through the development of new skills and creative management forms. The main theoretical models, standards and guidelines are discussed and their articulation with the best practices in different social ambiances. It ends with the characteristics indispensable to the programs of development of the Information literacy, describing future tendencies of this area of interest, considering it as a critical success factor for social development and innovation.

**Keywords:** Information literacy. Information. Knowledge.

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências da Comunicação (ECA/Universidade de São Paulo) e Docente dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação (Universidade Estadual de São Paulo – Campus de Marília) e de Mídia e Tecnologia (Universidade Estadual de São Paulo – Campus de Bauru). E mail: belluzzo@gmail.com

## 1 Introdução

Inicia-se por apresentar um *briefing* acerca do entorno de onde se insere a Competência em Informação (CoInfo) na sociedade contemporânea, a fim de que se possa melhor visualizar e analisar cenários e espectros que a compõem. Considera-se que a riqueza das nações e das pessoas na sociedade que vivenciamos envolve dois elementos fundamentais – informação e conhecimento –, consistindo em um novo momento social, o “tecnoeconômico”, conforme reporta Lastres (1999, p.74), a saber:

Assim, a nova configuração econômica, mais fundamentalmente baseada na informação e no conhecimento, apresenta características extremamente importantes enquanto soluções para alguns dos problemas relacionados ao referido esgotamento do padrão anterior, abrindo novas possibilidades de retomada do crescimento, nomeadamente por oferecer formas que possibilitam a continuidade (e até expansão) da produção e consumo em massa de uma série de bens e serviços: • sem esbarrar nos aspectos relacionados à existência de espaços de armazenamento dos mesmos; • sem sobrecarregar em ritmo exponencial as demandas de insumos materiais e energéticos; • sem significar que o descarte – também em massa – de tais bens e serviços continuará a incrementar o efeito negativo ambiental; • obtendo maior controle e significativa redução da importância de dois fatores tradicionalmente influentes no custo e valor de todos os bens e serviços produzidos e comercializados no mundo: o tempo e o espaço; • inaugurando expansão para novo conceito de infraestrutura, nova dinâmica setorial, novas formas de instituição, organização, produção, comercialização, trabalho, processo de aprendizado, políticas, em suma, novo padrão tecnoeconômico (LASTRES, 1999, p.74).

Em decorrência desse novo padrão, a sociedade contemporânea caracteriza-se por uma grande proliferação de fontes e recursos informacionais, permitindo disponibilizar um volume inimaginável de informações por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), cada vez mais inovadoras. Isso corrobora as afirmações de Castells (2005) ao mencionar a integração de ações apoiadas por essas tecnologias e favorecidas pela constituição de redes de conhecimento que potencializam e aumentam a movimentação de cadeias produtivas em todos os ambientes e setores de uma economia informacional. Entretanto, considera-se que o simples acesso à informação não é mais suficiente, uma vez que, para Castells (2005), a informação deve ser considerada como sendo a matéria-prima da sociedade atual, existindo uma inter-relação marcante entre a tecnologia e a informação, uma complementando a outra,

o que diferencia esta nova era das revoluções anteriores, em que um aspecto era ressaltado em detrimento de outro. Destaca-se ainda o elo com o processo de democratização do saber, fazendo emergir novos espaços para a busca e o compartilhamento dessa informação, que foi mencionado por Lévy (1996) como processo de desterritorialização do presente, considerando-se cada vez mais as facilidades tecnológicas e a inexistência de barreiras de acesso a bens de consumo, produtos e comunicação, embora tenhamos também um nível crescente de exclusão social que ainda merece atenção, como já mencionava Weirthein (2000).

Nessa ambiência informacional, surgem demandas de caráter social que requerem a existência de novas competências e formas de gestão criativas voltadas para o desenvolvimento social e a inovação, condições buscadas por todos os países, inclusive o Brasil. Desse modo, o cenário contemporâneo envolve a necessidade de desenvolvimento pessoal, cultural e econômico e de investimento em conhecimento e aprendizagem, em que se privilegie uma cultura de aprendizagem e se considere que as pessoas aprendem de formas diferentes. Busca-se uma nova ótica acerca da necessidade de acessar a informação de forma inteligente, a fim de construir conhecimento, de modo que este seja aplicável à realidade para sua melhoria contínua em favor do bem-estar social. Isso se resume no desenvolvimento de competências para atender a esse novo cenário, em que se comunicar, ser criativo, analítico-crítico, participativo, produtivo e responsável requer muito mais do que a acumulação de informações (BRASIL, 2017).

Diante do exposto, sente-se a importância de refletir acerca da Competência em Informação (CoInfo), requisito imprescindível ao desenvolvimento humano e social, apresentando desde suas origens até uma visão contemporânea de seus princípios e abordagens de forma seletiva, sendo esse o propósito desta contribuição de natureza teórica e analítica.

## **2 Competência em Informação: das origens à contemporaneidade**

Acredita-se que, ao apresentar a Competência em Informação (CoInfo), é preciso dar início à compreensão sobre o que se pode entender como competência de modo geral. Assim,

ressalta-se que o termo “competência” tem diferentes níveis de entendimento e maneiras de aplicação, articulando-se com outras áreas de conhecimento. Desse modo, pode-se dizer que:

[...] as competências são capacidades que se apoiam em conhecimentos, sendo fundamental que as pessoas considerem a situação que envolve o seu desenvolvimento, à medida que é preciso mobilizar saberes e a organização de novas capacidades, em virtude do processo que se desenvolve social, técnica e politicamente. [...] a competência é um composto de duas dimensões distintas: a primeira, um domínio de saberes e habilidades de diversas naturezas que permitem a intervenção prática na realidade, e a segunda, uma visão crítica do alcance das ações e o compromisso com as necessidades mais concretas que emergem que caracterizam o atual contexto social. (BELLUZZO, 2007, p. 29-34).

Há, no senso comum, dois enfoques semânticos para o termo “competência”, de acordo com Hillau (1994, p.62):

[...] Relacionado à legitimidade atribuída por lei ou por reconhecimento a uma pessoa ou organização para apreciar ou julgar determinada questão ou pleito e relacionado ao reconhecimento de características pessoais (qualidades) vinculadas à capacidade e idoneidade para resolver certos assuntos, inclusive os de natureza profissional.

Por outro lado, considera-se a existência de uma abordagem, ou seja, um conjunto de pressuposições ou instrumentos relacionado à natureza da linguagem, da aprendizagem e do desenvolvimento da competência, como um diferencial na compreensão das diferentes visões sobre essa terminologia. Em decorrência disso, pode-se afirmar que a competência pode ser considerada como uma coleção de atributos pessoais, além de ser vinculada aos resultados observados/obtidos (processos/atividades realizados), para chegar à proposição da noção de competência dialógica, originada na combinação de atributos pessoais para a realização de ações, em contextos específicos, visando atingir determinados resultados. Esta ideia reconhece e considera a história das pessoas e das sociedades nos seus processos de reprodução ou de transformação dos saberes e valores que legitimam os atributos e os resultados esperados numa determinada área do conhecimento.

A competência acha-se em destaque, em especial na área da educação mundial e também em nosso contexto. A educação orientada por competência seleciona os conteúdos legítimos e relevantes para a formação e define seus processos pedagógicos para o desenvolvimento prioritário de: 1) atividades e resultados (fazer) fundamentados por um modelo comportamental da educação e psicologia; 2) atributos fortemente centrados no

conhecimento (saber), uma vez que quem sabe ou conhece é capaz de fazer; e 3) prática profissional em diferentes contextos, a partir de uma combinação de atributos empregados para a realização de ações, segundo padrões de excelência socialmente construídos. Ressalta-se, ainda, que as dimensões psicológica e pedagógica fundamentam tanto as teorias sobre a aprendizagem como a formação por competências.

No espectro da educação, a competência pode ser vista sob o enfoque e apoio de diferentes tipos de abordagens, destacando-se aquela denominada “Aprendizagem Significativa”, que ampliou outras dimensões da aprendizagem, em especial as experiências educativas prévias sobre a assimilação do conhecimento novo. Além disso, ressalta duas condições para a construção de significado: um conteúdo potencialmente significativo e uma atitude favorável para aprender significativamente (AUSUBEL; NOVAK; HANESIAN, 1980). Requer do aprendiz uma postura proativa, sendo representada por um conjunto de esquemas de conhecimento constituído por dados, conceitos, situações, fatos, sequência de acontecimentos, ações e sequências de ações, que podem estar mais ou menos organizados e coerentes e que permitem o estabelecimento de redes e relações de diferentes matizes de extensão e complexidade. Orientar o processo de ensino e aprendizagem por competência tem, por definição, um caráter prático e social e a informação passa a ser explorada considerando-se o seu significado, consistência e funcionalidade para o enfrentamento de situações reais e complexas.

Em 2014, ocorreu em São Paulo o Fórum Internacional de Políticas Públicas, nos dias 24 e 25 de março, cujo tema foi “Educar para as competências do século 21”. Esse evento apresentou como temática central as principais competências neste século, destacando-se as competências cognitivas e as emocionais. Essas competências estão alinhadas com as questões que envolvem, atualmente, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e estão articuladas em programa da UNESCO (2017) com a finalidade de propiciar a capacitação das pessoas para tomar decisões e adotar ações responsáveis para assegurar a integridade ambiental, a viabilidade econômica e uma sociedade justa para as gerações presentes e futuras. Nesse cenário é que se insere a Competência em Informação (CoInfo), porque, em situação de ensino/aprendizagem, as pessoas aprendem a identificar e a descobrir conhecimentos, a mobilizá-los de forma contextualizada.

Ser competente não é realizar uma mera assimilação de conhecimentos suplementares, gerais ou locais, mas sim compreender a construção de esquemas que permitem mobilizar conhecimentos na situação certa e com discernimento. Desse modo, a partir de uma decisão ou procura de informação pertinente, esses esquemas de percepção, pensamento, avaliação e ação suportam interferências, antecipações, generalizações e apreciações de probabilidades. Ao construir competências, considera-se o contexto de aprendizagem, a implicação do sujeito na tomada de decisão, a resolução de situações problemáticas e o próprio processo de acesso e uso da informação de forma inteligente para a construção de conhecimento e sua aplicação a uma realidade, ou seja, todas essas situações envolvem os princípios da Competência em Informação (CoInfo).

Mas o que seria essa competência e quais suas origens? Movimento que tem suas origens nos anos 70, com o relatório *The Information Service Environment: Relationships and Priorities*, de Paul Zurkowski (1974) apresentado à Comissão Nacional de Biblioteconomia e Ciência da Informação americana, contemplava a proposta de criação de um programa que tornasse as pessoas competentes em informação (*information literates*), a ser desenvolvido entre os anos de 1974 e 1984. O objetivo era aprimorar habilidades na utilização dos recursos de informação disponíveis e que viessem a ser desenvolvidos sob o impacto das inovações tecnológicas.

Desde então surgiram manifestações de adesão pouco refletida por parte de diferentes instituições e profissionais a um “discurso de autoridade” promovido por organismos como *American Library Association (ALA)*, *International Federation Library Associations (IFLA)* e *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO)*, os quais assumem a *Information Literacy (CoInfo)* como “farol da sociedade da informação” (IFLA, 2005, p.1) e acabam por impulsionar o discurso desse movimento, mesmo sem o devido questionamento ou reflexão, *a priori*.

Atualmente, a CoInfo passou a ser um tema emergente e de relevância para a sociedade, considerando-se que todo cidadão ativo e consciente do século XXI será aquele que não se limita a absorver a imensa quantidade de informação que chega até ele, mas reflete e produz pensamento crítico sobre a informação exposta em qualquer momento da sua vida. Assim, requer-se essa competência para desenvolver o processo de transformação da informação em conhecimento em duas grandes vertentes: saber localizar e acessar a

informação e saber que processos efetuar para compreender a informação e utilizá-la. Destaca-se, portanto, que a CoInfo apresenta-se como uma capacidade essencial para a permanente aprendizagem ao longo da vida e para a produção de uma cidadania informada e interventiva na sociedade contemporânea, conforme consta na Declaração de Praga (UNESCO, 2003).

Um dos conceitos mais utilizados no mundo sobre a CoInfo é o da *American Library Association*: “conjunto de habilidades indispensáveis ao indivíduo para reconhecer quando uma informação é necessária e ter habilidades para localizá-la, avaliá-la e usá-la eficazmente” (ALA, 1998). Para Belluzzo, Kobayashi e Feres (2004), a CoInfo pode ser considerada como o conjunto de habilidades e ações que envolvem o acesso e uso da informação de forma inteligente, tendo em vista a necessidade da construção do conhecimento e a intervenção na realidade social.

Entretanto, vale lembrar que o termo *information literacy* tem sido traduzido de diferentes modos: alfabetização informacional, letramento informacional, aprendizagem informacional, competência informacional, entre outros, o que aponta a necessidade de estudos mais aprofundados nessa área. Adota-se aqui o termo Competência em Informação, uma vez que foi indicado para a tradução oficial de *information literacy* para o português do Brasil, em publicação da UNESCO, nas duas edições do *Overview of Information Literacy Resources Worldwide* (HORTON JR., 2013, 2015). Além disso, a adoção da sigla CoInfo foi recomendada na Carta de Marília (UNESP, 2014).

Os estudos voltados para Competência em Informação estão direcionados à construção de modelos teóricos; desenvolvimento de padrões e diretrizes que sejam catalisadores para os modelos; aplicação dos padrões em situações reais; e articulação das melhores práticas e dos fatores críticos resultantes de experiências já comprovadas e que tenham obtido êxito de acordo com métodos de avaliação adotados.

Pode-se destacar, inicialmente, que a CoInfo, em sua trajetória, principalmente nos países desenvolvidos, apresenta várias visões, sintetizadas a seguir:

- Visão americana – corresponde a um conjunto de qualificações ou características subjacentes à pessoa, que permitem a ela realizar determinado trabalho ou lidar com uma dada situação em relação ao acesso e uso da informação para a construção de conhecimento.

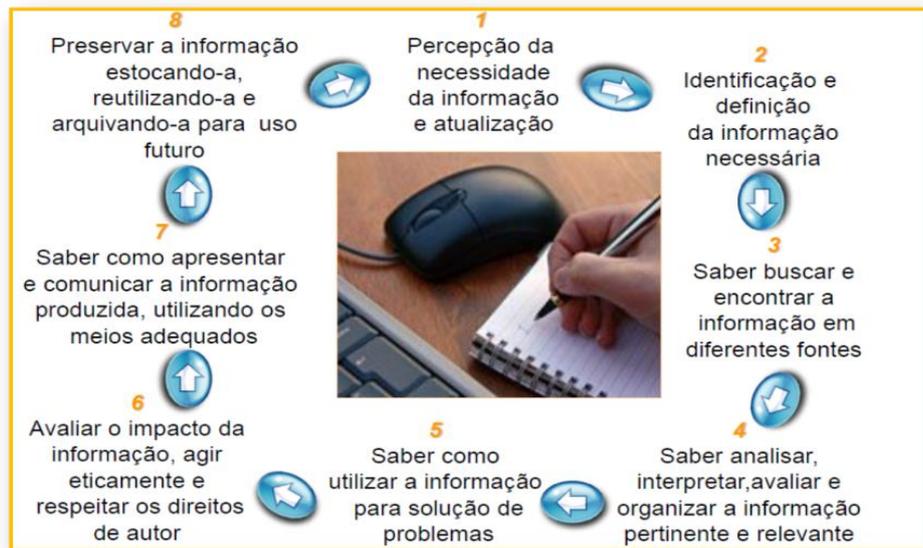
- Visão francesa – aquela que associa a competência não a um conjunto de atributos da pessoa, mas sim às suas realizações em determinado contexto, ou seja, àquilo que a pessoa produz ou realiza no trabalho ou em uma dada situação relacionada ao acesso e uso da informação para a construção do conhecimento.
- Visão integradora – compreende, além de um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para exercer certa atividade, mas também o desempenho da pessoa em determinado contexto, em termos de comportamentos adotados em diferentes momentos e realizações decorrentes relacionadas ao acesso e uso da informação para a construção do conhecimento.

Seja qual for a visão que norteia o desenvolvimento da CoInfo, existem alguns temas e áreas que se articulam e que caracterizam a transversalidade dessa competência na sociedade contemporânea. Dentre eles, destacam-se: saúde e serviços, governança e cidadania, desenvolvimento econômico, ambientes de trabalho, aprendizado ao longo da vida, educação e, mais recentemente, Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). São temáticas que podem ser identificadas mediante o acesso à produção científica e aos resultados de trabalho de pesquisa envolvendo o estado da arte da CoInfo no Brasil (BELLUZZO, 2017).

Outro aspecto que é preciso ressaltar corresponde à missão de relevância da CoInfo, que consiste em facilitar e mediar a formação de:

- pessoas que saibam determinar a natureza e a extensão da sua necessidade de informação;
- pessoas que conheçam o mundo da informação e saibam identificar e usar as fontes potenciais de informação;
- pessoas que avaliem a informação segundo critérios de relevância, objetividade, pertinência, lógica e ética, incorporando as informações selecionadas ao seu próprio sistema de valores e conhecimentos.

Essa competência apresenta um ciclo próprio, que pode ser visualizado na figura 1.



Fonte: Adaptado de Dudziak (2001).

**Figura 1** – Ciclo da Competência em Informação

A CoInfo também depende de norteadores para o seu desenvolvimento e avaliação – os padrões e indicadores –, sendo que o seu conceito envolve entendê-los como variáveis definidas para medir um conceito abstrato, relacionado a um significado social, econômico ou ambiental, com a intenção de orientar decisões sobre determinado fenômeno de interesse (BELLUZZO, 2017). Os padrões podem ser adotados em sua íntegra ou adaptados às necessidades das organizações ou países. Sua estrutura envolve três componentes básicos: acesso, avaliação e uso da informação (LAU, 2007).

Os principais padrões e indicadores de CoInfo, em nível internacional, podem ser sintetizados como segue:

- *The Seven Pillars of Information Literacy* (SCONUL, 1999), no Reino Unido.
- *Information Literacy Competency Standards for Higher Education* (ACRL, 2000), nos Estados Unidos.
- *Information Literacy Standards* (CAUL, 2001), na Austrália, que tiveram uma segunda edição em colaboração com a Nova Zelândia.
- *Australian and New Zealand Information Literacy Framework* (ANZIIL; CAUL, 2004), na Austrália e Nova Zelândia.

- E, para outros níveis de ensino que não o superior: *Information Literacy Standards for Student Learning* (AASL; AECT, 1998), produzidos também nos Estados Unidos.

Vale ressaltar informações complementares sobre os padrões e indicadores mais abordados e utilizados na contemporaneidade e que têm apoiado a maioria dos programas de desenvolvimento da CoInfo. Em 2000, a *Association of College and Research Library* (Associação de Bibliotecas Universitárias e de Pesquisa– ACRL) publicou o *Information Literacy Standards for Higher Education (Padrões de Competência em Informação para a educação de nível superior)*, estabelecendo diretrizes para a Competência em Informação no ensino superior nos EUA. Posteriormente, em 2015/2016, publicou o *Framework for Information Literacy for Higher Education* (atualizando os padrões de 2000). Outras instituições representativas também demonstraram preocupação com esses padrões e indicadores, como a *American Library Association* (ALA) e a *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA), que criaram os *Information Literacy Standards in Science and Technology* (ALA; ACRL; STS, 2005), como resposta a uma área específica, e também os *Guidelines on Information Literacy for Life long Learning* (IFLA, 2006), sendo esse documento resultante de múltiplas contribuições de investigadores conceituados nessa área. Catts e Lau (2008) também estabeleceram a importância da utilização de indicadores para a avaliação da Competência em Informação. Trata-se de documento intitulado *Towards in information literac yindicators*, publicado pela UNESCO.

No contexto nacional, foram lançados em 2003 padrões e indicadores obtidos a partir de pesquisa para o pós-doutorado desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar– eixo temático Política e Gestão Educacional da Universidade Estadual Paulista (Araraquara), publicados inicialmente em Belluzzo; Kerbauy (2004) e atualizados posteriormente (BELLUZZO, 2007). Esses padrões e indicadores vêm sendo validados em diferentes pesquisas que resultaram em dissertações e teses em instituições como Unicamp, Unesp, PUC/SP e UnB.

Além do apoio de padrões e indicadores, que se referem a aplicações de ordem prática, a CoInfo também conta com modelos, de natureza teórica, para o seu desenvolvimento. É possível destacar na literatura internacional alguns desses modelos, apresentados no quadro 1.

<p align="center"><b>Modelo de Carol Kuhlthau = Information Search Process(ISP)</b></p>	<p>Baseia-se nas teorias construtivistas de Dewey, Kelly, Bruner e Vigotsky, constituindo-se em modelo de processo de pesquisa da informação, <i>Information Search Process</i> (1993), considerado inovador para a época, tendo sido destinado a estudantes com mais de 12 anos. Abrange a esfera cognitiva, ou seja, os pensamentos do sujeito em relação à tarefa que deve realizar, a esfera emocional (os sentimentos que o acompanham na evolução do seu pensamento) e a esfera física (as ações que realiza e as estratégias que emprega). Sua abordagem é composta por sete níveis: 1) iniciação; 2) seleção do tópico geral; 3) exploração e seleção do tópico específico; 4) formulação do tópico; 5) recolha de informação; 6) apresentação; e 7) avaliação.</p>
<p align="center"><b>Modelo BIG6 SKILLS™ Eisenberg e Berkowitz= Information Problem-Solving Strategy</b></p>	<p>Trata-se de modelo de seis estágios para ajudar alguém a resolver problemas ou a tomar decisões usando informações, criado por Mike Eisenberg e Bob Berkowitz nos anos 1990 nos Estados Unidos. Alguns chamam de Competência em Informação, comunicação de informação, habilidades de TIC ou simplesmente o designam como um processo que auxilia na identificação dos objetivos de pesquisa de informação – busca, uso e organização das informações relevantes e confiáveis – e que depois permite a reflexão – se o produto final obtido é eficaz e se o processo foi eficiente. Considera-se que esse processo é completamente transferível para qualquer nível de escolaridade, área de conhecimento ou local de trabalho. Os estágios envolvidos em seu desenvolvimento compreendem: definição da tarefa/atividade (definir o problema de investigação; identificar a informação);estratégias de pesquisa de informação (pensar em todos os recursos possíveis; selecionar os recursos); localização e acesso (localizar as fontes; encontrar a informação);uso da informação (procurar nas fontes; extrair a informação pertinente); síntese (organizar e apresentar a informação); e avaliação (avaliar o processo e o produto).</p>
<p align="center"><b>Modelo EXIT</b></p>	<p>Desenvolvido por Maureen Lewis e David Wray, nos Estados Unidos, é baseado no aprendizado interativo e oferece uma oportunidade para que todos possam contribuir e aprender. Fornece exemplos de formas de trabalhar com textos para tornar o processo de leitura e escrita experiencial e interativo, elevando a motivação e o interesse dos alunos na tarefa. Trabalhar dessa forma também mostrou aumentar a capacidade dos alunos para relacionar sua aprendizagem atual com conhecimento prévio e reter habilidades e informações. Permite: articulação entre falar e ouvir: falar é fundamental para o processo de explicar, aprender e entender; colaboração: os alunos trabalham e progridem juntos; motivação: os alunos têm a oportunidade de participar ativamente; pensamento: a ênfase é na investigação, resolução de problemas e extensão do conhecimento; e variações: atraente e</p>

	ensinando uma variedade de diferentes estilos de aprendizagem. É constituído por 10 etapas: lembrar conhecimentos prévios; estabelecer objetivos; localizar a informação; adotar uma estratégia adequada; interagir com o texto; acompanhar o processo de compreensão; tomar notas; avaliar a informação; apoiar a memorização e comunicar a informação.
<b>Modelo InformationSkills – SCONUL</b>	Criado pela <i>Society of College, National and University Libraries</i> (SCONUL) do Reino Unido e Irlanda, nos anos 1990, e atualizado em 2011, define as habilidades, competências, atitudes e comportamentos que um estudante deve desenvolver ao longo do seu percurso de educação para adquirir a Competência em Informação. Compõe-se de sete etapas/pilares: reconhece necessidades de informação; consegue identificar formas de preencher essas necessidades; sabe construir estratégias para localizar informação; consegue localizar e acessar a informação; compara e avalia eficazmente a informação; organiza, aplica e comunica a informação de forma eficaz; é capaz de sintetizar e criar nova informação e novo conhecimento.
<b>Modelo Circular de Pesquisa</b>	Desenvolvido por David. V. Loertscher nos Estados Unidos, em 2003, está organizado em ações principais e subsidiárias que possibilitam que as pessoas sejam os principais condutores de acesso e uso da informação e a construção de conhecimento. É composto das seguintes etapas: formular e apresentar um problema; mapear e navegar nos espaços de informações; ler, observar, ouvir, coletar e organizar as informações necessárias; comparar e contrastar, julgar e testar; concluir baseado na melhor informação; comunicar em todas as mídias possíveis; e discernir entre como é realizado e como seria o ideal. Aplica-se a qualquer área do conhecimento ou de atuação.

Destaca-se que, sem a pretensão de esgotar o assunto, os modelos de CoInfo apresentados são apenas alguns dos inúmeros identificados na literatura, o que parece indicar o interesse por esse tema por parte de pesquisadores, docentes e profissionais da informação, ainda que existam abordagens de complexidade e natureza vária. Isso ocorre também devido ao fato de que a CoInfo é uma área que possui aplicações em diferentes ambiências sociais:

- *escola*– pode ser utilizada em atividades curriculares e extracurriculares e para desenvolver relacionamentos com outros;
- *família*– aplicável em atividades desenvolvidas em família, relação pais-filhos e estilos de criação;

- *trabalho*– envolvendo as atividades e demandas de ocupação, oportunidades de desenvolvimento e estilos de trabalho.
- *comunidade*– desenvolvimento de atividades cívicas e culturais, participação em redes sociais e recursos socioeconômicos (INSTITUTO AYRTON SENNA, , 2014).

Para o desenvolvimento da CoInfo nessas ambiências, é preciso que exista um programa que contemple alguns componentes e características essenciais, conforme orienta a ACRL (2003), sintetizados a seguir em categorias:

- *Categoria 1: Missão* –uma declaração de missão para um programa de Competência em Informação corresponde ao que segue:
  - ✓ inclui uma definição de Competência em Informação;
  - ✓ é consistente com os *Padrões de Competência em Informação da ACRL para Educação Superior* ou outro de escolha prévia;
  - ✓ alinha-se à declaração de missão da biblioteca para corresponder com a declaração de missão maior da instituição;
  - ✓ adere ao formato dos documentos estratégicos do ambiente em que será desenvolvido;
  - ✓ incorpora as partes interessadas institucionais, refletindo claramente suas contribuições e os benefícios esperados;
  - ✓ é mencionado nos documentos institucionais apropriados;
  - ✓ promove a aprendizagem ao longo da vida e o desenvolvimento profissional.
  
- *Categoria 2: Metas e objetivos* – correspondem ao que segue:
  - ✓ são consistentes com a missão, metas e objetivos da biblioteca e da instituição;
  - ✓ estabelecem resultados mensuráveis para avaliação do programa;
  - ✓ acompanham a contribuição das partes institucionais interessadas;
  - ✓ apresentam claramente a integração da Competência em Informação em todo o conteúdo para as atividades e a aprendizagem ao longo da vida se efetivarem (ver Categoria 5: Articulação);

- ✓ acompanham o crescimento sequencial das habilidades e compreensão das pessoas ao longo de seu desenvolvimento (ver Categoria 5: Articulação);
  - ✓ levam em consideração todas as pessoas atendidas, independentemente dos sistemas de entrega ou localização.
- *Categoria 3: Planejamento*—planejar um programa de Competência em Informação compreende o que segue:
    - ✓ articula e desenvolve mecanismos para implementar e/ou adaptar componentes das melhores práticas listadas neste documento (conforme necessário): missão, metas e objetivos, administração e apoio institucional, articulação (sequência do programa) com o conteúdo/currículo, colaboração, abordagem pedagógica, pessoal, divulgação, avaliação;
    - ✓ aborda oportunidades e desafios atuais;
    - ✓ está vinculado aos ciclos de planejamento e orçamento de bibliotecas, instituições e tecnologia da informação;
    - ✓ incorpora os resultados das varreduras ambientais;
    - ✓ acomoda o nível do programa, departamento e instituição;
    - ✓ aborda e prioriza recursos humanos, tecnológicos e financeiros (atuais e projetados), levando em consideração o apoio administrativo e institucional;
    - ✓ encoraja a colaboração, no início, do bibliotecário, de professores e de administradores;
    - ✓ permite que os bibliotecários assumam funções de liderança que se estenderão além das etapas de planejamento;
    - ✓ inclui um programa de formação e desenvolvimento (ver Categoria 8: Pessoal);
    - ✓ fornece uma linha de tempo para revisão sistemática.
  - *Categoria 4: Suporte administrativo e institucional* – compreende o que segue:
    - ✓ Atribui adequadamente liderança e responsabilidades de Competência em Informação a bibliotecários, professores e funcionários;
    - ✓ incorpora a Competência em Informação na missão, no plano estratégico, nas políticas e nos procedimentos da instituição;

- ✓ fornece financiamento para estabelecer e garantir suporte contínuo para: instalações de ensino, tecnologias atuais e apropriadas, níveis adequados de pessoal e oportunidades de desenvolvimento profissional;
  - ✓ reconhece e incentiva a colaboração (ver Categoria 6: Colaboração);
  - ✓ comunica suporte para o programa;
  - ✓ recompensa a realização individual e institucional e a participação no programa de Competência em Informação.
- *Categoria 5: Articulação (sequência do programa)*– compreende o que segue:
    - ✓ identifica o escopo (isto é, profundidade e complexidade) da Competência em Informação a ser adquirida em nível disciplinar, bem como no nível do curso;
    - ✓ estabelece sequências e integra a Competência em Informação ao longo da carreira acadêmica de um aluno, progredindo em sofisticação;
    - ✓ enfatiza a aprendizagem centrada nas pessoas (ver Categoria 7: Pedagogia);
    - ✓ é formalizada e amplamente disseminada;
    - ✓ usa estruturas de governança local para defender e garantir a integração da instituição em programas acadêmicos ou vocacionais;
    - ✓ especifica programas e cursos encarregados de implementar a Competência em Informação.
  - *Categoria 6: Colaboração*– corresponde ao que segue:
    - ✓ promove a comunicação entre professores, bibliotecários, outros instrutores (por exemplo, assistentes de ensino), administradores e outros funcionários da instituição;
    - ✓ concentra-se em melhorar a aprendizagem dos alunos e o desenvolvimento da Competência em Informação para a aprendizagem ao longo da vida;
    - ✓ comunica-se efetivamente com professores, bibliotecários, outros instrutores, administradores e funcionários adicionais para obter apoio ao programa dentro da comunidade acadêmica/escolar;
    - ✓ alinha a Competência em Informação com conteúdo disciplinar;

- ✓ funciona no contexto do conteúdo do curso e outras experiências de aprendizagem, para alcançar os resultados da Competência em Informação;
  - ✓ acha-se dividida em diferentes estágios: planejamento, entrega, avaliação da aprendizagem dos alunos e avaliação e aperfeiçoamento do programa.
- *Categoria 7: Pedagogia* – compreende o que segue:
    - ✓ apoia abordagens diversas para o ensino e a aprendizagem;
    - ✓ é adequada ao tipo de instrução (por exemplo: curso de curta duração, curso dedicado);
    - ✓ leva em consideração diferentes estilos de ensino e aprendizagem;
    - ✓ incorpora e usa Tecnologia de Informação e de Comunicação relevante e apropriada e outros recursos de mídia para apoiar a abordagem pedagógica adotada;
    - ✓ avança com o aprendizado por meio de atividades de aprendizagem colaborativa e experiencial;
    - ✓ promove o pensamento crítico, a reflexão e a aprendizagem recursiva;
    - ✓ baseia-se no conhecimento existente das pessoas, nas atribuições dos cursos e nos objetivos da carreira;
    - ✓ contextualiza a Competência em Informação em programas de formação contínuos, adequados ao programa acadêmico e ao nível do curso;
    - ✓ prepara os alunos para a aprendizagem ao longo da vida de forma independente.
  - *Categoria 8: Pessoal* – compreende o que segue:
    - ✓ inclui bibliotecários, funcionários da biblioteca, administradores, coordenadores de programas, tecnólogos de instrução, bem como professores, *designers* gráficos, especialistas em ensino/aprendizagem e outros funcionários do programa, conforme necessário;
    - ✓ são empreendedores para trabalhar em colaboração com outros e apoiar o desenvolvimento de aprendizagem uns dos outros;
    - ✓ são conhecedores de aspectos relacionados a instrução/ensino, desenvolvimento curricular e avaliação da aprendizagem dos alunos;

- ✓ têm experiências em desenvolvimento, coordenação, implementação, avaliação e revisão de programas de Competência em Informação;
  - ✓ exemplificam e defendem a Competência em Informação e a aprendizagem ao longo da vida;
  - ✓ participam no desenvolvimento profissional e no programa de Competência em Informação;
  - ✓ são adequados em número para apoiar a missão e o trabalho do programa;
  - ✓ recebem avaliações regulares sobre a qualidade de suas contribuições para o programa e áreas de melhoria.
- 
- *Categoria 9: Divulgação* – compreende o que segue:
    - ✓ definir e descrever claramente o programa e seu valor para o público-alvo, incluindo aqueles dentro e além da instituição específica;
    - ✓ divulgar o programa mediante a criação e distribuição de materiais publicitários;
    - ✓ identificar e se atentar para as partes interessadas relevantes e grupos de apoio dentro e fora da instituição;
    - ✓ usar uma variedade de métodos de comunicação, incluindo redes formais e informais e canais de mídia;
    - ✓ fornecer, em colaboração com outras equipes de desenvolvimento profissional do *campus*/escola, oficinas, organizações e programas relacionados à Competência em Informação;
    - ✓ contribuir para o avanço da Competência em Informação ao compartilhar informações, métodos e planos com colegas e partes interessadas dentro e fora da instituição.
  
  - *Categoria 10: Monitoramento/Avaliação* – compreende o que segue:
    - ✓ desenvolve um processo para planejamento, avaliação e revisão de programas;
    - ✓ mede o progresso do cumprimento das metas e objetivos do programa (ver Categoria 2: Metas e objetivos);
    - ✓ integra-se com a avaliação curricular, as avaliações institucionais e as iniciativas de acreditação regional/profissional;

- ✓ usa o método apropriado de monitoramento/avaliação para fins relevantes, por exemplo: formativo e somativo e/ou curto prazo e longitudinal;
- ✓ reconhece as diferenças nos estilos de aprendizagem e ensino nas medidas de resultado;
- ✓ emprega uma variedade de medidas de resultado pré e pós-instrução (avaliação de necessidades, pré-testes, pós-testes, avaliação de textos, defesa oral, questionários, ensaios, observação direta, avaliação de pares e autoavaliação e experiência);
- ✓ concentra-se no desempenho do aluno, na aquisição de conhecimento e na avaliação de atitude durante o processo de aprendizagem e em relação ao produto final.
- ✓ inclui alunos, pares e autoavaliação.

Ao analisar a consolidação da CoInfo no Brasil, pode-se dizer que os estudos que se iniciaram de forma muito incipiente, por meio de iniciativas individuais de bibliotecários e professores de universidades no início do século XXI, permitiram mobilização e organização desses estudiosos e de outros mais que manifestam seu interesse pela área e oferecem contribuições nessa direção. Isso consolida os grupos e linhas de pesquisa, especialmente junto aos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação e em áreas correlatas, viabilizando a organização de estudos em grupos e subgrupos de temáticas afins, o que contribui com o crescimento de facilidades para o intercâmbio científico entre os pesquisadores e demais interessados (BELLUZZO, 2017). Vislumbrar esse panorama nos permite projetar algumas tendências desse tema em situação futura: 1) *ganho de espaços para melhor posicionamento e discussão dessa questão como tema central e transversal*, propiciando que se caminhe para a definição de políticas públicas e estratégias de ação que são indispensáveis a um país em desenvolvimento como o Brasil, destacando-se apoios institucionais (Febab, Ibict, Universidades e outros); 2) *abrangência de vários enfoques nos estudos e pesquisas*, com recebimento de aportes de várias áreas, permitindo o trabalho dentro de uma perspectiva interdisciplinar, a partir da abordagem de questões como as novas formas de acessar, utilizar, analisar e avaliar a informação, atendendo às exigências atuais do mundo acadêmico e profissional, considerando-se a complexidade das questões envolvidas no uso da informação na sociedade atual, o que se constitui como um grande incentivo para novas tendências e perspectivas; e 3) *migração de concepção instrumental para concepção*

*substantiva*, levando em conta nossas origens, pontos comuns e diversidades e considerando as necessidades sociais e econômicas da população brasileira em seus diferentes espaços: local, regional e nacional, congregando a interação de pessoas como agentes e protagonistas de ações educativas, sociais, empresariais, governamentais e políticas.

### 3 Considerações finais

A evolução histórica da CoInfo nos mostra que, nos países desenvolvidos, ela não tem se baseado apenas em debate científico, mas principalmente em práticas de ação política consistentes.

Criar programas de CoInfo nas organizações que visem as oportunidades de acesso e a promoção do uso inteligente da informação é fator crítico de sucesso para a geração de ambientes de crescimento intelectual, pessoal, profissional e social.

No Brasil, a CoInfo é considerada um tema em consolidação, que ainda requer estudos e pesquisas que tragam subsídios norteadores para descobrir os nossos próprios caminhos.

Eis o nosso desafio!

### Referências

ACRL. ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES. **Information literacy competency standards for higher education.**

Disponível em: <https://alair.ala.org/bitstream/handle/11213/7668/ACRL%20Information%20Literacy%20Competency%20Standards%20for%20Higher%20Education.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 2 nov. 2017.

ACRL. ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES. **Framework for information literacy for higher education.** Disponível em:

<<http://www.ala.org/acrl/standards/ilframework>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

ALA. AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **A progress report on information literacy: an update on the American Library Association Presential Committee on Information Literacy: Final Report.** [S.l.], 1998. Disponível em:

<<http://www.infolit.org/documents/progress.html>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

ALA/ACRL/STS.Task Force on Information Literacy for Science and Technology.**Information Literacy Standards for Science and Engineering/Technology**.Disponível em:  
<http://www.ala.org/acrl/standards/infolitscitech>Acesso em: 2 nov. 2017.

ANZILL.CAUL.**Australian and New Zealand information literacy framework**.2004)  
 Disponível em: <<http://archive2010.caul.edu.au/caul-programs/information-literacy/publications>>.Acesso em: 2 nov. 2017.

AUSUBEL, D.; NOVAK, J.D.; HANESIAN, H. **Psicologia educacional**.Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BELLUZZO, R.C.B. **Construção de mapas: desenvolvendo competências em informação e comunicação**. 2.ed. Bauru: Cá Entre Nós, 2007.

BELLUZZO, R.C.B. O estado da arte da Competência em Informação (CoInfo) no Brasil: das reflexões iniciais à apresentação e descrição de indicadores de análise. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. especial, p. 47-76, jan./jul. 2017. Disponível em:<<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/648/570>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

BELLUZZO, R.C.B.; KERBAUY, M. T.M.Em busca de parâmetros de avaliação da formação contínua de professores do ensino fundamental para o desenvolvimento da informationliteracy. **Educação Temática Digital**, Campinas, v.5, n.2, 129-139, 2004.Disponível em:<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/766/781> Acesso em: 2 nov. 2017.

BELLUZZO, R.C.B. **O estado da arte da Competência em Informação (CoInfo) noBrasil: cenários e espectros: relatório de trienal de pesquisa**. Marília: Unesp, 2017.

BELLUZZO, R.C.B.; KOBAYASHI, M. do C.; FERES, G. G. Informationliteracy: um indicador de competência para a formação permanente de professores na sociedade do conhecimento. **Educação Temática Digital**, Campinas, v.6, n.1, p. 89-99, dez. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1004>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular (BNCC): 3ª versão**. Brasília: MEC, 2017.

CARTA DE MARÍLIA. 2014. Unesp. Disponível em:  
 <[http://www.lti.pro.br/userfiles/downloads/CARTA\\_de\\_Marilia.pdf014](http://www.lti.pro.br/userfiles/downloads/CARTA_de_Marilia.pdf014)>. Acesso em: 2 nov. 2017.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Terra e Paz, 2005.

CATTS, R.; LAU, J.**Towardsinformationliteracyindicators**Disponível em:  
<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001587/158723e.pdf> Acesso em: 2 nov. 2017.

CAUL. Council of Australian University Librarians. **Information literacy standards** Disponível em: <http://archive2010.caul.edu.au/caul-programs/information-literacy/publications> Acesso em: 2 nov. 2017.

DUDZIAK, E. A. **Information literacy e o papel educacional das bibliotecas**. 2001. 173f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)–Escola de Comunicação e Artes. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

EISENBERG, M.; BERKOWITZ, B. **Information problem-solving strategy: Big Six Skills**. Disponível em: <<http://big6.com>>. Acesso em: 20 out. 2017.

HILLAU, B. De l'intelligence opératoire à l'historicité du sujet. In: MINET, F.; PARLIER, M.; WITTE, S. (Org.). **La compétence, mythe, construction ou réalité?** Paris: Éditions Harmattan, 1994. p.45-69.

HORTON JUNIOR, W. **Overview of information literacy resources worldwide**. Paris: UNESCO, 2013.

HORTON JUNIOR, W. **Overview of information literacy resources worldwide**. 2. ed. Paris: UNESCO, 2015.

IFLA. **Declaração de Alexandria sobre competência informacional e aprendizado ao longo da vida**. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/wsis/Documents/beaconinfosoc-pt.pdf> Acesso em : 2 nov. 2017.

IFLA. **Guidelines on information literacy for lifelong learning**. Disponível em: <https://www.ifla.org/publications/guidelines-on-information-literacy-for-lifelong-learning>. Acesso em 2 nov. 2017.

INSTITUTO AYRTON SENNA. **Fórum Internacional de Políticas Públicas: competências para o progresso social**. São Paulo, 2014.

KULTHAU, C. **Information search process**. Disponível em: <<http://wp.comminfo.rutgers.edu/ckuhlthau/information-search-process/>>. Acesso em: 20 out. 2017.

LASTRES, H. M. M. Informação e conhecimento na nova ordem mundial. **Ciência da Informação**, Brasília, v.28, n.1, p.72-78, jan. 1999. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010019651999000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010019651999000100010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 out. 2017.

LAU, J. **Diretrizes sobre desenvolvimento de habilidades em informação para a aprendizagem permanente**. Boca Del Rio: IFLA, 2007. Disponível em: <[www.febab.org.br/jesus\\_lau\\_trad\\_livro\\_comp\\_v\\_f.doc](http://www.febab.org.br/jesus_lau_trad_livro_comp_v_f.doc)>. Acesso em: 20 nov. 2017.

LEVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LEWIS, M.; WRAY, D. **EXIT-M.-Extending literacy: children reading and**

*Memória e Informação*, v. 2, n. 1, p. 29-50, jan./jun. 2018

writingnon-fiction., London:Routledge,1997.

LOERTSCHER, D.V. California Project Achievement. Disponível em:  
<<http://www.davivl.org/Achieve/CAPProjectAAchivement.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2017.

SCONUL.**Seven pillars of information literacy**. Disponível em:  
<<https://www.sconul.ac.uk/page/seven-pillars-of-information-literacy>>. Acesso em: 20 out. 2017.

UNESCO.ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA.**Educação para os objetivos de desenvolvimento sustentável**: objetivos de aprendizagem. Genebra: UNESCO, 2017. Disponível em:  
<[www.unesco.org/.../education\\_for\\_sustainable\\_development\\_goals\\_learning\\_object/](http://www.unesco.org/.../education_for_sustainable_development_goals_learning_object/)>. Acesso em: 2 nov. 2017.

UNESCO. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA.**The Prague declaration**: “towardsaninformationliterate society”. 2003. Disponível em:  
<<http://www.unesco.org/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/pdf/PragueDeclaration.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

WHERTEIN, J. A sociedade da informação e seus desafios. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000. Disponível em:  
<<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/889/924>>. Acesso em: 22 out. 2017.

WRAY, D.; LEWIS, M. **Exit**. Disponível em:<<https://www.edgehill.ac.uk/solstice/files/2014/06/14.-EXIT-M-Resources.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2017.

ZURKOWSKI, P.G. Information services environment relationships and priorities. Washington D.C.: National Commission on Libraries, 1974.